



O Retorno de Clara ao desespero (Com Muito Humor Sádico)

Clara entrou em casa, completamente arrasada com a primeira consulta com Dr. Pedro, o bicho preguiça psicólogo. Ela segurava Tadeu no colo, tentando esquecer a tortura emocional que acabara de passar, enquanto ele dava risadinhas e ficava se contorcendo nas suas pernas, como sempre. "Vai lá, Tadeu, faz as tarefas com o robô e organiza a mochila para amanhã", ela disse, sem muito ânimo, tentando passar despercebida por todo o caos que se passava em sua cabeça.

Tadeu, com aquele sorriso lindo no rosto, obedeceu prontamente e foi para onde o robô o esperava, para ajudá-lo a cumprir suas tarefas. Clara não podia deixar de se perguntar por que ela não poderia ser tão simples quanto Tadeu. Afinal, ele fazia tudo parecer fácil e sem questionar. Se ele fosse um adulto, com certeza estava na terapia também, mas com menos caos interior.

Foi então que a tempestade chegou: Osvaldo. A onça-pintada fuzileiro naval, sempre com seu jeito debochado e sarcasmo afiado. Ele entrou na casa com aquele sorriso de quem está pronto para saborear a dor alheia.

"Então, Clara, foi pro psicólogo, hein? Virou uma nova pessoa ou ficou mais maluca do que antes? O que foi dessa terapia? Ele te disse que você é uma idiota ou vai ficar mais tempo bancando a vítima do que realmente é?", Osvaldo não teve nenhum pudor. Ele se acomodou no sofá com um sorriso cínico no rosto. "Ah, psicólogo, né? Isso é pra quem tem paciência. Acho que você tá mais pra um 'conselheiro de guerra'. Se você quer melhorar, o primeiro passo é socar sua própria alma e fazer ela entender que não é todo mundo que vai te tratar com carinho. Pra isso, você precisa aceitar o caos. E aí, vamos começar com uma fogueira de gasolina e fósforo? Isso resolve bem as coisas, minha querida."

Clara, tentando ignorar mais uma vez a avalanche de sarcasmo, apenas olhou para ele com o olhar cansado de quem já não tinha mais vontade de argumentar. "E o que você sugere, Osvaldo, que eu faça? O que mais posso fazer além de me afundar nessa bagunça?"

"Bom, se você quiser sair disso, tente se desfazer do que te pesa. Dá um soco em sua alma, joga tudo pro alto e queime o resto. Isso sempre funciona. Ou não. Mas é melhor do que continuar esse teatro todo," Osvaldo disse, com a leveza de quem estava discutindo sobre o cardápio do almoço.

Clara ficou pensando nas palavras dele, com o cérebro em polvorosa. Mas, como sempre, ela não sabia o que fazer. Era como se ela estivesse jogando xadrez sozinha e o tabuleiro estivesse pegando fogo.

Clara estava tentando digerir os últimos dias quando decidiu voltar à consulta com

Dr. Pedro. Ela estava confusa sobre como e por onde começar a falar. Queria um conselho, algo que realmente a ajudasse a entender sua vida. Mas, enquanto se preparava para a sessão, o que mais a incomodava era que, no fundo, ela já sabia que a resposta não viria fácil. E, de certa forma, talvez ela não estivesse pronta para ouvir a verdade.

Na sala de espera, ela se deparou com a figura surreal: Hellen, a hiena. Ela parecia estar em um estado zen, mas Clara sabia que, se fizesse a pergunta errada, Hellen explodiria como um vulcão. E, claro, Clara fez a pergunta errada.

“Oi, você sabe onde fica o banheiro?” perguntou Clara, sem malícia alguma.

A hiena, que até então parecia relaxada, virou-se de repente com os olhos arregalados, como se Clara tivesse perguntado a receita para a destruição do mundo. “BANHEIRO?! Você está me perguntando isso?! Eu vou te dizer uma coisa: tudo se resolve com gasolina e fósforo! O que sobrar, atropela com uma Dodge Ram! Não dá mais! Eu tô ficando maluca com essas perguntas idiotas!”

Clara, entre o choque e o desejo de desaparecer, olhou para a hiena e ficou parada por um momento, pensando se deveria socar sua cara ou fugir para outro continente. A hiena, em seu surto, continuou a gritar frases cada vez mais absurdas: “Se você acha que a solução está no banheiro, você está completamente errada! A solução está na destruição, meu bem! Se a vida não vai bem, acaba com ela! A gasolina resolve tudo! Só não vale perder a Dodge Ram!”

Clara estava agora completamente desconcertada, sem saber o que fazer. Mas logo sua vez chegou. Ela entrou no consultório, ainda com a experiência psicótica da recepção martelando sua cabeça.

Dr. Pedro, o bicho preguiça psicólogo, estava lá. Ele não se moveu nem um centímetro ao vê-la entrar, mas sua presença estava lá, pesando sobre Clara como um elefante. Ele finalmente ergueu a cabeça, como se estivesse se esforçando para olhar para ela, e disse:

“Bom, Clara, parece que você não mudou muito. O que foi dessa semana? Você mastigou bem as palavras de Osvaldo e as minhas, não é? Agora me diga, o que você quer de mim? Conselhos novos? Ou você só veio me perguntar se a hiena tem razão? Ela diz que tudo se resolve com gasolina e fósforo. Já tentou isso?”

Clara, mais uma vez, se sentou, agora exausta, e com um sarcasmo dolorido, respondeu: “Sabe, Dr. Pedro, até pensei em virar a hiena e simplesmente dar tudo para o fogo. Mas, por algum motivo, não acho que a gasolina vá me salvar. Quero saber o que você me sugere, porque já estou cansada de viver como se estivesse esperando uma resposta mágica. O que faço agora?”

Dr. Pedro, com a calma característica de um bicho preguiça, olhou para ela com uma lentidão exasperante e disse, sem rodeios: “Não sei o porquê de você ter vindo me procurar. Se você chegou onde chegou, é porque você quis. Você quer que eu faça o que? Dizer 'ABRACADABRA' e que seus problemas vão desaparecer? Você acha que a vida vai se arrumar em um estalar de dedos, Clara? Aqui não é lugar para mágica. Eu não sou um mágico, sou um psicólogo.”

Ele fez uma pausa, como se tivesse gastado um esforço imenso para fazer esse movimento, e continuou: "A pergunta, Clara, é: como e por que você quis chegar onde está? Não espere que eu responda. Eu não tenho acesso ao seu GPS. Não sei como você coloca tudo na rota de problemas e como os aumenta, como se fosse um esporte. Mas o fato é que você está onde está porque decidiu estar aí. Então, vamos começar com isso: você tem alguma ideia de como chegou até aqui? Ou prefere continuar se fazendo de vítima?"

Clara, sentindo o peso das palavras e da pressão, se levantou e saiu da sala, com a sensação de que nada, de fato, iria mudar. Ela estava mais confusa e arrasada do que nunca, e, ao chegar em casa, trombou com Osvaldo novamente. Ele, como sempre, estava pronto para despejar mais sarcasmo.

"E aí, Clara? Ficou mais 'zen' depois de falar com o bicho preguiça? O que ele te disse? Que você é um desastre ambulante e não tem mais salvação? Acho que é isso mesmo. Você é um desastre, e ele só te disse o que todo mundo já sabe."

Clara, sem paciência para mais sarcasmo, respondeu com a voz cansada: "Osvaldo, vai se foder. Eu não preciso mais da sua sabedoria de guerra. Eu já estou cansada disso. Você está certo. Não vai mudar nada, nunca vai mudar. Agora, me deixe em paz."

Osvaldo, com um sorriso cínico, deu uma risadinha e, com aquele tom afiado de sempre, completou: "Paz? Clara, paz é para quem tem tempo. Você? Bem, você não tem tempo. Você tem é um buraco negro chamado vida e nada vai salvar você disso."

E assim, Clara, exausta e derrotada, se retirou para o seu canto, sem saber mais o que fazer, enquanto Osvaldo, mais uma vez, era a última pessoa a deixar sua marca naqueles minutos finais do dia.